

## Atividades Lúdicas E Musicalização Em Sala De Aula: Aprendizagem Na Pré-Escola

### Ludic Activities And Music In Classroom: Pre-School Learning

### Actividades Lúdicas Y Musicalización en el Aula: Aprendizaje en el Preescolar

Mônica Gonçalves da Silva <sup>1</sup>

Hildegard Susana Jung<sup>2</sup>

Louise de Quadros da Silva<sup>3</sup>

Fecha de recepción: 06 de diciembre de 2019

Fecha de evaluación: 20 de julio de 2020

#### Resumo

O presente artigo possui como tema os novos paradigmas e a utilização da ludicidade e musicalização em sala de aula. Esta pesquisa tem como objetivo suscitar o debate referente à importância da inserção de atividades lúdicas, especialmente com o uso da música, no processo pedagógico da pré-escola. A pesquisa, de cunho qualitativo, buscou seus dados em uma revisão bibliográfica acerca da temática. Os resultados apontam para a importância da música no âmbito escolar como facilitadora da interação social, bem como para estimular habilidades, hipóteses e conceitos. Além disso, a música oferece oportunidades de pesquisa e desenvolvimento da criatividade. Considera-se, portanto, as atividades lúdicas aliadas do processo pedagógico na educação infantil, pois oportunizam momentos de socialização, criatividade e curiosidade, além de desenvolverem a dimensão cognitiva das crianças.

*Palavras-chave:* Pré-escola; Ludicidade; Musicalização; Aprendizagem.

---

1 [monicagds3@gmail.com](mailto:monicagds3@gmail.com)

2 doutoranda em Educação no Centro Universitário La Salle - Campus Canoas Mail: [hildegard.jung@unilasalle.edu.br](mailto:hildegard.jung@unilasalle.edu.br)

3 Maestrado em Educação, Universitário La Salle - Campus Canoas, Mail [louise.quadrosdasilva@gmail.com](mailto:louise.quadrosdasilva@gmail.com)

### **Abstract**

The present article has as its theme the new paradigms and the use of playfulness and music in the classroom. This research aims to raise the debate about the importance of the insertion of play activities, especially with the use of music, in the pre-school pedagogical process. The research, of a qualitative nature, sought its data in a bibliographical review about the theme. The results point to the importance of music in school as a facilitator of social interaction, as well as to stimulate skills, hypotheses and concepts. In addition, music offers opportunities for research and development of creativity. It is considered, therefore, the play activities as allies of the pedagogical process in the infantile education, because they allow moments of socialization, creativity and curiosity, besides developing the cognitive dimension of the children.

*Key words:* Pre-school; Playfulness; Musicalization; Learning.

### **Resumen**

El presente artículo posee como tema los nuevos paradigmas y la utilización de la lúdica y de la musicalización en el aula. Esta investigación tiene como objetivo suscitar el debate referente a la importancia de la inserción de actividades lúdicas, especialmente con el uso de la música en el proceso pedagógico del preescolar. La investigación, de cuño cualitativo, buscó sus datos en una revisión bibliográfica acerca de la temática. Los resultados señalan la importancia de la música en el ámbito escolar como facilitadora de la interacción social, así como para estimular habilidades, hipótesis y conceptos. Además, la música ofrece oportunidades de investigación y desarrollo de la creatividad. Se considera, por tanto, a las actividades lúdicas como aliadas en el proceso pedagógico en la educación infantil, pues aportan momentos de socialización, creatividad y curiosidad, además del desarrollo de la dimensión cognitiva de los niños.

*Palabras-clave:* Preescolar; Ludicidad; Musicalización; Aprendizaje.

## **Introdução**

O ensino tradicional em que o professor é detentor da informação e a passa aos alunos não proporciona um desenvolvimento pleno do estudante. Copiar, repetir e memorizar conteúdos não é melhor maneira de ensinar, pois o verdadeiro conhecimento se dá pela construção conjunta, pela troca de saberes. A aprendizagem deve ser significativa, com um processo pedagógico que instigue a reflexão, o pensamento e a construção de hipóteses para melhor assimilação.

A criança possui experiências que desenvolvem saberes não ensinados formalmente pelo docente, os quais obtém por meio da interação social. Tais vivências ajudam no decorrer da infância e fazem com que a criança compreenda o contexto em que está inserida. Neste sentido, Siqueira (2005: 21) explica que “O educando é o agente principal da aprendizagem. Não existe educação, aprendizagem ou instituto de ensino sem ele”. A partir desta perspectiva, vemos que o educador deve planejar atividades pedagógicas que possibilitem ao educando expor suas experiências prévias. Já os novos conhecimentos surgem pela ampliação, diversificação e/ou aprofundamento de um saber anterior. Daí a relevância de buscar a musicalidade e a ludicidade para, a partir dessas experiências já conhecidas, desenvolver novas competências e habilidades.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio” (Brasil, 1998). Do mesmo modo, temos a ludicidade, que se refere ao desenvolvimento cognitivo, por intermédio de músicas, danças, jogos, entre outras formas de interação com o meio. Segundo Fortuna (2003) “[...] o aluno desenvolve a iniciativa, a imaginação, o raciocínio, a memória, a atenção, a curiosidade e o interesse, concentrando-se por longo tempo em uma atividade”.

Este artigo tem, portanto, o objetivo de suscitar o debate referente à importância da inserção de atividades lúdicas, especialmente com o uso da música, no processo pedagógico da pré-escola. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo.

Após esta breve introdução, realizamos a descrição mais detalhada do processo metodológico. O referencial teórico está dividido em três tópicos, a saber: O desenvolvimento cognitivo na infância; Atividades lúdicas na educação infantil; e Musicalidade na Educação Infantil. Logo após, realizamos a análise dos dados obtidos e seus resultados. Por fim, as considerações finais trazem indicações para futuras pesquisas e as limitações deste artigo.

### **Metodologia**

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, o qual se caracteriza por abordar questões que envolvem a sociedade com foco em explicar o motivo de algo. Nesta tipologia, todas as perspectivas são consideradas em uma análise cuidadosa. Creswell (2007, p. 18) descreve que “Os métodos quantitativos envolvem os processos de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo”. Este modelo de pesquisa é muito utilizado em processos de interpretação de dados quando se busca compreender o contexto.

Nos baseamos nas etapas de Gil (2008) para a elaboração da pesquisa, o qual recomenda os seguintes passos: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório; busca de fontes bibliográficas; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação do texto.

### **Referencial Teórico**

Este tópico, dividido em três momentos, abriga conceituações sobre a temática escolhida, abordando: O desenvolvimento cognitivo na infância; Atividades lúdicas na educação infantil; e a Musicalidade na Educação Infantil.

#### ***O desenvolvimento cognitivo na infância***

A fim de preparar a criança para os desafios futuros, precisamos desenvolvê-la de forma plena, capacitando-a a utilizar todo seu aprendizado para pensar e buscar soluções.

De acordo com Teixeira (1995, p. 23), “[...] o ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve”. Nesse sentido, a música e a ludicidade no ambiente escolar são aliadas do desenvolvimento da criança e permitem entender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem. Do mesmo modo, Oliveira (1997, p. 33) diz que “[...] o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais”.

Em decorrência disso, apontamos a teoria histórico-cultural, a qual pressupõe que a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo não estão ligados a um estágio educativo, pois são adquiridas por meio de experiências vividas por meio de interações (Facci, 2004; Pasqualini, 2009; Vygotsky, 1991, 1998, 2002). Dessa forma, esta teoria “[...] nega a possibilidade de se analisar o desenvolvimento psicológico infantil como um processo meramente natural, caracterizado por fases ou estágios que se sucederiam em uma ordem fixa e universal” (Pasqualini, 2009, p. 32)

Vygotsky (1991; 1998; 2002) apresenta um novo olhar sobre a função do educador em atividades voltadas para o desenvolvimento intelectual da criança, preocupado com a construção do conhecimento pela interação. Nas palavras do autor: “Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social” (Vygotsky, 2002, p. 40). Ainda de acordo com Vygotsky (1995, p. 150),

[...] toda função entra em cena duas vezes, em dois planos, primeiro no plano social e depois no psicológico, ao princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica” descortinou novos horizontes ao estudo da gênese social do referido desenvolvimento.

Logo, destacamos que o indivíduo internaliza informações culturais do grupo social em que está inserido desde seu nascimento. As maneiras de interatividade voltam-se para a atenção, percepção e memória, o que indica a necessidade de contato com outros para que haja construção de novos saberes.

Durante a infância, muito do que é aprendido provém da comparação, que possibilita o surgimento de novas habilidades por meio de uma transformação do processo

interpessoal para um processo intrapessoal. “Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos” (Vygotsky, 1998, p. 75).

Da mesma forma, as funções psicológicas superiores se desenvolvem a partir dos comportamentos socioculturais, interação com outros indivíduos e com o meio. Tais funções “[...] são responsáveis pela organização externa da conduta e regulam o comportamento do indivíduo, conseqüentemente diferenciando indivíduos de animais” (Zavadski e Facci, 2012, p. 689). A partir destes autores, reafirmamos que a criança é agente ativo no seu processo de aprendizagem, pois desenvolve-se por meio de relações interpessoais. Vygotsky (1998, p. 61) complementa que “As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana”.

Na sequência, Vygotsky apresenta a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) no intuito de auxiliar o entendimento sobre a relação do processo de aprendizagem e o desenvolvimento. Conforme o autor, “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (Vygotsky, 1991, p. 58).

A ZPD mede o nível de capacidade da criança em resolver situações individualmente, bem como o de desenvolvimento potencial (quando necessita da ajuda de outros, mas futuramente poderá passar a realizar sozinha). A partir deste, cria-se um parâmetro da atuação pedagógica referente ao processo de construção do conhecimento. Vygotsky (1991; 1998; 2002) relata que existem os processos maduros – aqueles que o indivíduo já realiza sozinho – e os em maturação – aqueles em que o ser ainda precisa de alguma ajuda.

Portanto, a instituição educacional passa a ser um ambiente de amadurecimento, em que o educando se desenvolve por meio das experiências com o grupo. Segundo Paula (2009: 51): “A pessoa que intervém para orientar a criança pode ser tanto um adulto (pais, professor, responsável, instrutor de língua estrangeira) quanto um colega que já tenha desenvolvido a habilidade requerida”.

Nesta perspectiva, Bissoli (2005, p. 223) destaca que “[...] o bom ensino é aquele que se adianta e conduz o desenvolvimento, incidindo sobre aquelas capacidades em formação, sobre a zona de desenvolvimento próximo”. O autor revela a importância de um planejamento por parte da escola que considere os interesses e as curiosidades de cada criança. Além disso, é importante agregar ao cotidiano dos estudantes diferentes conhecimentos, atitudes e formas de expressão, como: “[...] a pintura, a dramatização, a poesia, os contos, a montagem, a música, a leitura, a escrita, os experimentos, entre tantas outras possibilidades”.

Nesse sentido, a música torna-se um instrumento significativo para o desenvolvimento na infância, seja no campo social, cognitivo, intelectual e cultural pois volta-se para a aprendizagem lúdica. O meio estimula a interação com outros, além de desenvolver a fala e a autoestima. Desde o nascimento, a criança já está ligada aos sons, como descreve Brito (2003, p. 35): “[...] interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras”.

Utilizar a música em sala de aula possibilita desenvolver os conteúdos de uma forma mais lúdica e potencializadora (Bueno, 2011; Demo, 2011). Assim, ela auxilia no desenvolvimento da capacidade de concentração, aumenta a memória, instiga a criatividade, amplia o vocabulário, entre outros. Desse modo, vemos que a música reconhecida como linguagem “[...] é a única alternativa capaz de justificar a sua presença como inquestionável e insubstituível em uma formação integral do ser humano” (Breim e Neder, 1996, p. 27). Esta linguagem consiste em um viés artístico importante para a formação do ser humano em sua complexidade e globalidade.

### ***Atividades lúdicas na educação infantil***

A educação infantil está dividida em dois eixos, a saber: creche, que atende crianças de zero a três anos e pré-escola, com as de quatro a seis anos. Inicialmente, as creches eram tidas como depósito de crianças, mas com o passar do tempo essa definição foi substituída. Em 1995, essas instituições de educação básica passam a ser reconhecidas como um ambiente em que devem ser respeitados os direitos das crianças constituídos por: brincar, atenção social, alimentação saudável, e ambiente acolhedor e seguro que estimule seu

desenvolvimento. Tais mudanças são realizadas a partir da publicação do primeiro manual para creches sobre o atendimento às crianças (Teixeira, 2010). Nesse sentido, as políticas educacionais que se referem à educação infantil indicam que: “Pesquisas sobre desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida apontam para a importância e a necessidade do trabalho educacional nesta faixa etária” (Brasil, 2006, p. 7).

Outro marco legal foi a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394 (Brasil, 1996) que inclui a educação infantil ao sistema educacional, ao descrever em seu art. 21: “[...] A educação escolar compõe-se de: I – a educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior”. Essa legislação passa a prever oferecimento da educação infantil para crianças até seis anos de idade, de forma gratuita. Contudo, a legislação não prevê obrigatoriedade para crianças até três anos frequentar a creche, o que não diminui a importância deste contato com a educação para o desenvolvimento na infância.

A fase de zero a seis anos é composta por transformações e descobertas e por isso acreditamos que as práticas pedagógicas devem ser desenvolvidas com características lúdicas. As atividades propostas na educação infantil devem enriquecer o desenvolvimento da criança em todos os sentidos sem deixar de respeitar suas particularidades e o tempo de aprendizagem individual. Percebemos que uma das práticas mais utilizadas nesta fase é o brincar, instigando novas descobertas por meio do contato com o ambiente à sua volta, assim como a relação em pares pelo tocar, sentir, criar, observar, imitar e significar.

Não podemos considerar o ato de brincar algo sem um sentido educacional, pois é a partir dele que a criança começa a se desenvolver, criando, descobrindo, compartilhando, etc. Isso porque a brincadeira é uma forma lúdica de experimentar novidades e descobrir novas coisas, assim como os livros, desenhos, filmes, músicas, entre outros. Para Vygotsky (1989, p. 144): “O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos, ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras”. Nesse sentido, entendemos que o “[...] brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa” (Teixeira, 2010, p. 44). Desse modo, podemos considerar



que a brincadeira é um momento de divertimento pelo qual a criança simultaneamente desenvolve conhecimentos e habilidades.

A ludicidade está associada aos jogos, brincadeiras, entre outras atividades livres em que seja proporcionado um ambiente de aprendizagem e lazer. Práticas lúdicas devem assumir um papel de mediadoras do processo de ensino-aprendizagem para que assim sejam benéficas para a educação (Vygotsky, 1989). Os profissionais da educação básica devem atentar que as atividades lúdicas, como o brincar, são importantes para o desenvolvimento da criança e podem ser fonte de aprendizagem. Nesse contexto, o educador como mediador, precisa buscar maneiras de utilizar jogos, músicas e brinquedos que já existem de maneiras adaptadas à sua turma de estudantes.

Vemos que a construção de brinquedos e brincadeiras com as turmas da educação infantil proporciona a partilha de ideias, projetos e possibilidades que envolvem tanto o adulto como a criança. Nessa perspectiva, a ludicidade, além de incentivar a socialização, também promove o contato com a cultura e os costumes sociais. De acordo com Borba (2007, p. 35), brincar trata-se de “[...] uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos”.

Jogos desenvolvem na criança o pensar, observar, criar e conquistas por meio de situações-problema nas quais precisa analisar as possibilidades e criar estratégias. Além disso, essas atividades proporcionam experiências em grupos, com contato entre colegas. Existem muitos tipos de jogos, dos quais temos os simbólicos, com o faz de conta, a ficção ou a imaginação, para crianças de dois a seis anos. Essas atividades lúdicas são valiosas para o desenvolvimento das crianças, pois segundo Kishimoto (2011, p. 12) as brincadeiras são “[...] formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança e, portanto, instrumentos indispensáveis da prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares”.

Os jogos instigam o aprofundamento do conhecimento da criança sobre o meio em que está inserida, sendo que a realidade deve estar presente na brincadeira, na qual o jogador usa suas experiências nesse mundo imaginário. Desse modo, o jogar desenvolve

noções de socialização, lealdade, criticidade, criatividade, e compreensão das diferenças entre as crianças. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras (MEC, 2017, p. 41)

Estes são alguns instrumentos usados para a educação por meio da ludicidade, mas temos outros recursos como, por exemplo, a música. Semelhante, em partes, aos jogos, a música se aproximando da etapa do jogo com regras e “passa a ser também um vasto domínio para a sistematização e a organização de conhecimento” (BRITO, 2003, p. 42). Dessa forma, contribui para a formação da criança, apresentando um novo mundo cheio de possibilidades: o mundo dos sons.

A musicalidade contribui para o desenvolvimento do indivíduo ao proporcionar acesso ao mundo lúdico em que ajuda na evolução motora, na aquisição de linguagem, na memorização e no raciocínio. Por isso, “[...] a escolha do repertório de canções deve privilegiar a adequação da melodia, do ritmo, da letra e da extensão vocal, ou seja, a tessitura” (Brito, 2003, p. 94). Portanto, a seguir veremos, de forma mais minuciosa, questões sobre a importância da musicalidade.

### ***Musicalidade na Educação Infantil***

A música não é novidade, pois já está presente em nossas vidas há milhares de anos por meio de vibrações, ruídos, fala, entre outros, assim como o som dos pássaros. Brito (2003, p. 17) descreve que “Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais”. Entretanto, antes de receber o nome de música, era considerada uma forma de magia das forças místicas: “A música faz parte, desde cedo, do cotidiano da criança e o educador, ao se apropriar dessa ferramenta, ofertando-a de modo coerente, poderá contribuir de forma efetiva com o desenvolvimento da criança e com o seu aprendizado” (Storniolo, 2016, p. 55).

As primeiras músicas foram desenvolvidas na pré-história, com a criação de baquetas utilizadas para gerar melodias, e outros instrumentos para reproduzir sons da natureza pela voz. Na Grécia antiga, a música teve seu surgimento com o objetivo de aproximação aos deuses, por vezes inserida ao teatro e à dança. Neste período surgiu Pitágoras, o qual descobriu as notas e os intervalos musicais, com a ajuda da matemática. A história deste filósofo é descrita no episódio do desenho animado “Donald no País da Matemática”<sup>4</sup> demonstrando sua importância para a música de forma lúdica e divertida para as crianças.

Já em Roma, a música surgiu com outra finalidade: presente no campo de batalha, ela era utilizada para sinalizar ações aos soldados e tropas, bem como em hinos nas vitórias. Na Idade Média surgem os trovadores e os menestrelis. Trovadores eram “[...] poetas mais sofisticados, letrados, de origem nobre. Muitos deles deixaram obras escritas [...]”, já um menestrel “[...] era um tipo de poeta que recitava poemas divertidos, contava histórias e anedotas sobre eventos históricos reais ou imaginários. [...] Geralmente eram pessoas do povo, chamadas de plebeus” (Veronezzi, 2011, p. 2).

Com o passar do tempo, no Renascimento, a música passou a ser usada em diversas melodias. No período Barroco, a história da música é marcada pelas óperas e oratórios. Já no Romantismo, passa transmitir emoções e sentimentos. Assim, vemos que a música se reinventa conforme a cultura, época e costumes, com diferentes timbres e melodias. Brito (2003: 25) descreve: “A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes”.

A música chega ao seu auge no século XX com grandes avanços e mudanças de gênero e estilos que percorrem até os dias atuais. O surgimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs) impulsionaram um momento de inovações em que novos gêneros musicais apareceram. As TICs possibilitam a gravação, reprodução e distribuição das notas musicais, bem como sua divulgação.

---

<sup>4</sup> Donald no País da Matemática é um curta de 0:27 estrelado pelo Pato Donald, que foi lançado nos EUA em 1959. Este desenho foi indicado ao Oscar de Melhor Curta documentário devido a ser considerado até hoje o melhor desenho educativo feito pela Disney. Disponível em: <https://goo.gl/7LNL2x>. Acessado: 28 de dezembro de 2018.

De acordo com o art. 26 da Lei no 9.394 (Brasil, 1996) a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular. Conforme a BNCC, “A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem [...]” por meio de artes, como a música, dança, artes visuais e teatro (Mec, 2017, p. 191). Como vemos, a música tem ganhado um novo significado, com atuação na educação, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem. Para a utilização da música na educação, o docente precisa inovar e buscar novas metodologias a fim de provocar a curiosidade dos educandos. De acordo com Brito (2003, p. 11):

O educador ou educadora deve buscar dentro de si as marcas e lembranças da infância, tentando recuperar jogos, brinquedos e canções presentes no brincar. Também deve pesquisar na comunidade e com as pessoas mais velhas as tradições do brincar infantil, desenvolvendo-as as nossas crianças, pois elas têm importância fundamental para seu crescimento sadio e harmonioso.

A criança, por natureza brinca e nessas brincadeiras descobre a música, transformando-a e reinventando-a, sendo que “[...] o modo como as crianças percebem, apreendem e se relacionam com os sons, no tempo-espço [...] relacionam com o mundo que vêm explorando e descobrindo a cada dia” (BRITO, 2003, p. 41). Na fase da infância, não podemos distinguir como certo ou errado o que envolve a musicalidade, pois a criança está explorando as possibilidades sem uma intencionalidade rígida.

No período até os seis anos de idade, a criança associa as músicas com cenas, lembranças e experiências. Segundo a pesquisa realizada por Delalande (1984), as condutas da produção sonora criadas pela criança ajudam o docente a caracterizá-la e conhecê-la, pois cada indivíduo é único e possui um modo particular de construção do conhecimento.

A musicalidade proporciona experiências que desenvolvem o ser de uma forma mais sensível e receptível aos sons, criando um vínculo com o mundo musical já existente dentro dele. Dessa forma, passa a apreciar criativamente os sons que estão à sua volta, como descrito no RCNEI<sup>5</sup>: “O ambiente sonoro, assim como presença da música em

---

<sup>5</sup> Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação atendendo às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96).

diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês, e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva” (Brasil, 1998, p. 51).

No Brasil, a música foi inserida na educação infantil por meio de canções com o propósito de ajudar na aquisição de conhecimentos gerais, hábitos e atitudes, como esclarece Brito (2003, p. 51): “Os cantos eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos que, pela repetição, tornavam-se mecânicos e estereotipados”. Nessa perspectiva, a música se mantém como repetitividade, com o intuito de modelar a criança privando-a de pensar autonomamente.

Na década de 1950 e 1960, o movimento da Escola Nova teve grande influência no ensino brasileiro, posicionando-se contra o conteudismo e a memorização e repetição, utilizadas na época. Defendia a arte como uma expressão livre, promovendo o lado criativo, social e afetivo da criança, além do ensino-aprendizagem.

No decorrer dos anos, a música começa a ganhar sentidos mais amplos e com a necessidade de desenvolver pessoas cooperativas e críticas, este instrumento passa a promover a criatividade desde a educação infantil. No entanto, não podemos entendê-la como fazer qualquer coisa, assim como relata Brito (2003: 51): “[...] respeitar o processo criativo foi entendido como deixar fazer qualquer coisa”. Assim, vemos a importância do educador como mediador do processo de aprendizagem. De acordo com Montessori (s.d., p. 11): “A educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiências efetuadas no ambiente”.

Apesar dos métodos pedagógicos empregados na educação infantil terem redimensionado seus conceitos, abordagens e modos de atuação através de novos paradigmas, diversas teorias e pesquisas, a musicalidade na educação brasileiro é tema ainda complexo. De acordo com Brito (2003, p. 52), “[...] é comum detectar a existência de certa defasagem entre o trabalho realizado na área de música e aquele efetivado nas demais áreas do conhecimento”.

A música, como aqui tratamos, não deve ser ensinada pelo manuseio técnico de um instrumento musical, mas usada como auxílio nas atividades. Compreendemos que esta deve criar um vínculo com a criança, além de desenvolver nela o gosto pela música. Precisamos inovar com a musicalidade e não apenas repetir o que vem sendo feito.

Precisamos ver a música por um novo ângulo na educação infantil, repensando métodos que possam ajudar na construção na criança. Devemos focar em atividades que visem a participação, construção, reflexão e apreciação, fomentando a um ensino musical focado em formação de hábitos, atitudes e comportamentos. De acordo com Bueno (2011, p. 231): “Há várias formas de se trabalhar a música na escola, por exemplo, de forma lúdica e coletiva, utilizando jogos, brincadeiras de roda e confecção de instrumentos”.

Apesar de que nem todos os educadores possuam conhecimento especializado sobre a música, é interessante buscar conhecimentos e alternativas para a realização de atividades nas quais o educando possa participar e expor suas ideias. Assim, a criança passa a se expressar, socializar e interagir. Weigel (1988, p. 12) ressalta que “[...] por seu poder criador e libertador, a música torna-se um poderoso recurso educativo a ser utilizado na Pré-Escola”.

Os primeiros contatos da criança com a música possibilitam que no futuro desenvolva habilidades para aprender outras disciplinas, interagir em grupo e criar com mais facilidade resoluções de problemas diversos. Por isso, o ensino de música na educação infantil precisa ser aprimorado, pois torna-se um instrumento interdisciplinar que pode ensinar, de uma forma lúdica, diversos conhecimentos de diferentes áreas. Brito (2003, p. 53) destaca que: “O ensino-aprendizagem na área de música vem recebendo influências das teorias cognitivas, em sintonia com procedimentos pedagógicos contemporâneos”.

A música possibilita descobertas e vivências na aprendizagem da criança de forma lúdica e divertida. Possui diversidade de brincadeiras que viabilizam a variação nas atividades, oportunizando a interação com o outro, gerando novas experiências interligadas com o cotidiano do educando.

## **Análise E Discussão Dos Dados**

### ***A música como potencializadora de desenvolvimento cognitivo***

As mudanças sociais têm afetado os mais variados campos, mas algumas tradições culturais permanecem, assim como a música. Vygotsky (1991; 1998; 2002) demonstra a importância do ambiente para a interação do sujeito, proporcionando o desenvolvimento dos pensamentos, afirmando que o contato com a cultura que o rodeia é um elemento

fundamental para o seu crescimento saudável. Desse modo, a música se apresenta como contribuidora para o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando o processo de ensino-aprendizagem de uma forma descontraída.

Entendemos que usar a música na educação infantil ajuda a criança a tornar-se um indivíduo desenvolvido social e intelectualmente, aprimorando sua criatividade e suas habilidades. Nogueira (2003) retrata essa importância de acompanhar o desenvolvimento do indivíduo em praticamente todos os momentos de sua trajetória. A música, portanto, interliga os indivíduos e suas experiências musicais não devem ser ignoradas, mas compreendidas, analisadas e transformadas criticamente.

Bastian (2009: 41-42) afirma que músicas “[...] podem estimular, em um mesmo processo de aprendizagem, as capacidades cognitivas, criativas, estéticas, sociais, emocionais e psicomotoras”. Dessa maneira, o autor apresenta a importância de os educadores desenvolverem suas propostas pedagógicas refletindo e observando as necessidades de cada educando. Dessa forma, compreendemos que ocorre o despertar do interesse dos pequenos para o aprendizado, utilizando recursos como a música para a contribuição na formação integral, possibilitando a formação crítica.

O intuito da música consiste em colaborar no desenvolvimento dos estudantes, sem exceção, não sendo uma atividade mecânica e pouco produtiva, mas sim um exercício planejado e contextualizado. Vygotsky, Luria e Leontiev (1994, p. 115), afirmam que “[...] uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem”. Portanto, atividades realizadas no cotidiano escolar são importantes para a formação da criança, levando-a a criar um novo paradigma sobre o mundo à sua volta.

### ***A ludicidade na Educação Infantil: oportunidades de pesquisa e criatividade***

Segundo Negrine (1997, p. 4) “[...] quando a criança chega na escola, traz consigo toda um pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através de atividades lúdicas”. As músicas e as brincadeiras fazem parte do mundo infantil a partir da imaginação e, por isso, tudo se torna brincadeira. Dessa maneira, o educador pode utilizar o



lúdico para aprimorar o aprendizado, de forma que venha a despertar nas crianças o interesse e o prazer pela descoberta.

Neste sentido, estamos de acordo com autores como Demo (2011) e Brito (2003) quando estes referem que é possível educar por intermédio da pesquisa. Dessa forma, é necessário que se use um dispositivo para despertar a curiosidade e chamar a atenção à descoberta e criatividade, e a ludicidade se apresenta como um recurso benéfico na Educação Infantil.

Complementando, Vygotsky (1991, p. 97) destaca que “as atividades lúdicas são fontes de desenvolvimento proximal, pois a criança quando brinca demonstra e assume um comportamento mais desenvolvido do que aquele que tem na vida real, envolvendo-se por inteiro na brincadeira”. Por meio de atividades lúdicas a criança desenvolve a criatividade, melhora a comunicação, direcionando-a para descobertas de novos saberes e sentimentos que estão interligados com o “eu” e com o “outro”.

#### ***A musicalização no processo de ensino-aprendizagem: possibilidades à construção de habilidades, hipóteses e conceitos***

A educação Infantil contribui para a formação do indivíduo, pois é uma fase de constante construção de conhecimentos. As músicas e as atividades lúdicas, nessa etapa, possibilitam à criança recriar situações vivenciadas no seu cotidiano, por intermédio do faz-de-conta e a imaginação, desenvolvendo a criatividade e a busca por conhecimento. Chateau (1987, p. 14) descreve que “[...] uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Desse modo, vemos que a música age como um complemento, que auxilia a criança com expressões do seu dia a dia, ligada a movimentos, os quais proporcionam o desenvolvimento da expressão corporal, da concentração, da disciplina e da atenção.

Através das brincadeiras e músicas se estabelecem as relações entre crianças. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 49) aponta que “[...] a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”.



Como podemos perceber, a referida normativa demonstra a importância da música no âmbito escolar como facilitadora da interação social. Desse modo, notamos que habilidades, hipóteses e conceitos podem ser estimulados e inclusive elaborados por meio da musicalização. As atitudes, contemplando a (des)construção de (pré)conceitos podem ser contempladas por meio da música de forma eficiente, de acordo com os achados da presente pesquisa.

### **Considerações Finais**

O presente artigo, com o objetivo de suscitar o debate referente à importância da inserção de atividades lúdicas, especialmente com o uso da música, no processo pedagógico da pré-escola, destaca a importância de tais atividades. A musicalização e a ludicidade se apresentam como aliadas do processo pedagógico na educação infantil pois possibilitam momentos de socialização, criatividade e curiosidade, o que desenvolve o lado cognitivo das crianças.

Através da música, a criança consegue transmitir sentimentos e emoções, bem como se apropriar de tais relações. É importante ressaltar a indispensável participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, com sua interação nas brincadeiras a fim de possibilitar o desenvolvimento cognitivo. Trabalhando com o lúdico e a musicalização na Educação infantil, o professor auxilia diretamente na construção de um conhecimento significativo e norteador.

A musicalidade proporciona uma aproximação das crianças entre si, com seu meio, sua cultura e consigo mesmas. Além disso, a música pode ainda ajudar na interação com o mundo adulto dos pais, avós, familiares e toda a sociedade. Vemos a musicalização como uma forma de tornar o ambiente escolar mais alegre e, conseqüentemente, mais agradável. A música pode ser utilizada em diversas finalidades, tanto para um momento de relaxamento ou em atividades mais agitadas.

Verificamos que a música está presente desde os primórdios da humanidade e vem mais adquirindo um espaço cada vez maior na sociedade. Seu uso proporciona diversas possibilidades pedagógicas que colaboram para o planejamento e desenvolvimento de uma aula que estimule e desafie os estudantes. Apresentamos como limitações do estudo a

escassez de pesquisas com dados empíricos na área. Dessa maneira, esperamos suscitar novos estudos, como a observação da associação da teoria à prática docente com o uso da musicalização na pré-escola.

### Referências

- Bastian, H. G. (2009). *Música na escola: contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança*. São Paulo: Paulinas.
- Bissoli, M. de F. (2005). *Educação e Desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da Teoria Histórico-Cultural*. 2005. 281f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, SP.
- Borba, Â. M. (2006). *O brincar como um modo de ser e estar no mundo*. In: *Brasil. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: FNDE, Estação Gráfica. p. 33-45.
- Bueno, R. (2011). *Pedagogia da Música*. Jundiaí: Keyboard Editora Musical Ltda.
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. Consulta realizada em 10 de dez. 2018. <https://goo.gl/YWiHgy>
- \_\_\_\_\_. (2006). *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Infantil. Brasília: MEC.
- Brito, T. A. de. (2003). *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis.
- Cavaliere, A. M. (2002). Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira. *Educação e Sociedade*, Campinas, 23, 81, 247-270.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Chateu, J. (1987). *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus.
- Delalande, F.; Vidal, J; Reibel, G. (1984). *La musique est un jeu d'enfant*. Paris: Buchet/Chastel.
- Demo, P. (2011). Educar pela pesquisa. rev. *Campinas: Autores Associados*.
- Facci, M. G. D. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cad. CEDES*, 24, 62, 64-81.
- Fortuna, T. R. (2003). Jogo em aula. *Revista do Professor*, 19, 75, 15-19. Consulta realizada em 15 de nov. 2018. <https://goo.gl/264R5w>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Kishimoto, M. T. (2011). *Jogos, Brinquedos e a Educação*. 14. Ed. São Paulo: Cortez.
- Mec. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.
- Montessori, M. (s. d.). *Mente absorvente*. Rio de Janeiro: Portugália Editora.
- Negrine, A. da S. (1997). Aprendizagem e desenvolvimento infantil a partir da perspectiva lúdica. *Revista Perfil*, 1, 3-12.
- Nogueira, M. A. (2003). A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, 5, 2.
- Oliveira, M. K. de. (1997). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Pasqualini, J. C. (2009). A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, 14, 1, 31-40.
- Paula, N. M. de. (2009). *Crianças pequenas - dois anos - no ciberespaço: interatividade possível?*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, 244f.
- Siqueira, M. A. da S. (2005). *Monografias e teses: das normas técnicas ao projeto de pesquisa: teoria e prática*. Brasília: Editora Consulex, 2005.
- Storniolo, S. R. P. (2016). *A música na educação infantil como facilitadora do processo de ensino-aprendizagem*. Editora Autografia: E-book. 60 p.
- Texeira, C. E. J. (1995). *A Ludicidade na Escola*. São Paulo: Loyola.
- Teixeira, S. R. de O. (2010). *Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Wak.

- Veronezzi, T. (2011). *A música na Idade Média*. Apostila da Arte. Consulta realizada em 5 de dez. 2018. <https://goo.gl/Gf5vRm>
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1998) *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Vygotsky, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (1994). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5.ed. São Paulo: Ícone.
- Zavatski, K. C.; FACCI, M. G. D. (2012). A atuação do psicólogo escolar no Ensino Superior e a formação de professores. *Psicologia USP*, 23, 4, 683-705. Consulta realizada em 3 de dez. 2018. <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n4/v23n4a04>